

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC THURLER

A GUERRA FRIA E O PODER NAVAL NORTE-AMERICANO

Rio de Janeiro

2022

CC THURLER

A GUERRA FRIA E O PODER NAVAL NORTE-AMERICANO

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (FN-RM1) / Alexandre RICCIARDI dos Santos

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2022

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

OA DO C-EMOS

A GUERRA FRIA E O PODER NAVAL NORTE-AMERICANO

Rio de Janeiro

2022

OADO CEMOS

A GUERRA FRIA E O PODER NAVAL NORTE-AMERICANO

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (FN-RM1) / Alexandre RICCIARDI dos Santos

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2022

AGRADECIMENTOS

Nesse ciclo que se encerra é importante a lembrança e o agradecimento aos que contribuíram sobremaneira nessa caminhada:

À minha querida esposa Christiane L. C. Thurler, pela paciência, por aguentar minha ausência sempre apoiando e incentivando, pelo amor e pelo carinho diário. Você certamente é a força maior em nossa relação por possuir a capacidade de transformar os desafios em momentos agradáveis.

A minha família, em especial minha mãe Lea Toledo Thurler e minha tia Therezinha Thurler, por todos os ensinamentos da vida, principalmente de equilíbrio e caráter, basilares nesses momentos de dedicação da carreira.

Ao meu orientador, CMG (FN-RM1) Alexandre RICCIARDI dos Santos, pela direção segura, orientação didática e pela liberdade de acesso, que foram fundamentais para elaboração deste trabalho.

Aos meus amigos de turma que me proporcionaram dicas para o trabalho e pela convivência diária capaz de tornar nossos dias mais prazerosos e instrutivos, com certeza o curso não seria o mesmo sem vocês.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

Em 1945, após o término da Segunda Guerra mundial, o mundo iniciou uma nova guerra não declarada, a chamada Guerra Fria. Os Estados Unidos da América pregavam um ambiente liberal capitalista capaz de tornar o mundo melhor; a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, pregava um mundo comunista onde as pessoas fossem iguais e desfrutassem de um bem estar coletivo. O antagonismo desenvolvido pelas potências incitou George Frost Kennan, historiador e político norte-americano, a desenvolver uma teoria que ganharia aceitação e prospecção na sociedade norte-americana, a teoria da contenção. Entre sua concepção e sua aplicação, tal teoria moldou-se de forma que a expressão militar assumiu papel importante na condução da crise entre os protagonistas do bloco socialista e capitalista. Nesse período bipolar, o Poder Naval participou de diversas operações e ações. Este estudo se propôs a verificar se tais operações e ações, em crises diretas ou indiretas, unidas as características e possibilidades desse poder, estavam de acordo com os preceitos da Doutrina da Contenção durante sua aplicação como Política.

Palavras-chave: Guerra Fria, Poder Naval, Teoria da Contenção, Doutrina da Contenção, Política da Contenção, George Kennan.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNUDM —	Convenção das Nações Unidas sobre o Direito no Mar
EUA —	Estados Unidos da América
FN —	Forças Navais
KMT —	Partido Nacionalista Chinês Kuomintang
NSC 68 —	Relatório do Conselho de Segurança Nacional dos Estados

Unidos da América número 68

OTAN —	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PCC —	Partido Comunista Chinês
RU —	Reino Unido.
URSS —	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	A MENTE POR TRÁS DA DOCTRINA.....	9
3	O QUE ENTENDEMOS COMO CRISE, ESCALADA DA CRISE, MANOBRA DE CRISE, CONFLITO ARMADO, DOCTRINA, POLÍTICA DA CONTENÇÃO E PODER NAVAL.....	13
4	A MILITARIZAÇÃO DA DOCTRINA DA CONTENÇÃO - DA IDEIA AO MUNDO REAL....	15
4.1	A Doutrina Truman e as políticas posteriores.....	17
5	AS POSSIBILIDADES DO EMPREGO DO PODER NAVAL EM APOIO A MANOBRA DE CRISE	22
6	A GUERRA FRIA NO MAR: DA TEORIA A PRÁTICA – ALGUNS EXEMPLOS.....	26
6.1	A Guerra da Coreia – 1950-1953.....	28
6.2	Golpe na Guatemala – 1954.....	29
6.3	As crises do Estreito de Taiwan	30
6.4	A Crise do Suez – 1956	31
6.5	A Crise do Líbano – 1958.....	33
6.6	A Crise dos Mísseis de Cuba – 1962.....	35
6.7	A Guerra do Vietnã – 1959 a 1975.....	36
6.8	A operação Azorian – 1971	37
6.9	A operação Ivy Bells – 1972	38
6.10	Expansão da Marinha Soviética e apoio norte-americano a Israel.....	39
6.11	O medo maior – a dissuasão nuclear.....	41
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

O propósito desse estudo é verificar se durante a Guerra Fria¹, entre 1947 e 1991, o emprego do Poder Naval dos Estados Unidos da América (EUA), atuou em consonância com os objetivos da Doutrina da Contenção teorizada por Kennan e aplicada, primeiramente, pela Doutrina Truman², contra a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS).

O desenho de pesquisa empregado nesse estudo foi da teoria *versus* realidade, tentando entender se houve, o grau de utilização e a importância das ações existentes com o uso da expressão militar do Poder Marítimo, ou seja, a realidade percebida, comparando com as ideias de contenção propostas pelos EUA durante o período, ou seja, a teoria.

Desse modo, o trabalho foi estruturado para, inicialmente, disponibilizar informações do mentor da teoria, de sua visão da Teoria da Contenção e a contemporização da criação no “*zeitgeist*”³ a qual estava submetido, entendendo como sua formação, suas experiências e suas convicções se entrelaçaram ao mundo naquela época e, como consequência, ele produziu e apresentou suas ideias.

O terceiro capítulo visa definir termos e conceitos relevantes para que no decorrer desse trabalho possam ser entendidos de maneira uniforme. Delimitaremos o que consideraremos crise, escalada da crise, manobra de crise, conflito armado, doutrina, Política da Contenção e Poder Naval. Entendemos que essas definições são essenciais para

¹ A Guerra Fria é o nome que damos ao conflito político e ideológico que se estendeu do final da década de 1940 até o ano de 1991. Esse acontecimento teve como protagonistas os Estados Unidos e a União Soviética, países que representavam duas ideologias distintas que eram o capitalismo e o socialismo, respectivamente.

² Doutrina Truman é o nome dado a uma política externa implantada durante o governo Truman e direcionada ao bloco de países capitalistas no período pré-Guerra Fria. Tal doutrina tinha como objetivo impedir a expansão do socialismo.

³ O *Zeitgeist* é o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo.

que o esforço de compreensão dos leitores seja sobre a produção dos conteúdos dedutivos e interpretativos apresentados, sem a interferência do duplo sentido que essas palavras poderiam causar.

Seguiremos com uma análise da aplicação da doutrina e sua utilização pela política, iniciada pela Doutrina Truman e continuada pelas demais administrações norte-americanas. Neste contexto, vamos dar ênfase ao seu aspecto militar e na sua aplicação, mais especificamente no seu emprego prático e na evolução entre a concepção e a utilização, não nos importando nesse estudo as nuances que possam desassociar as duas, mas realmente como foi essa trajetória do pensamento até a ação. Assim, poderemos traçar características que nos servirão como parâmetros para comparações que nos levarão a identificar se o uso do Poder Naval foi aderente a tais características, e caso tenha sido, a qual delas.

No capítulo cinco vamos identificar possibilidades de utilização do Poder Naval durante manobras de crise, de modo a exemplificar, mas não esgotar, como ele pode atuar. Vamos mostrar suas características e algumas de suas particularidades, que julgamos adequadas a este estudo e que possam prover aos decisores, opções para que conforme seus julgamentos transitem durante a crise, adequando suas pretensões à capacidade existente. Assim, vamos apresentar pontos sobre a evolução tecnológica, características de meios navais, do Poder Naval, algumas ações e operações possíveis e a importância do advento da arma nuclear adjudicada ao Poder Naval.

No capítulo seis abordaremos eventos da Guerra Fria onde a expressão militar do Poder Marítimo foi empregada. Tais eventos serão sempre examinados à luz da disputa existente entre o EUA e a ex-URSS, que para esse trabalho será considerado como a crise maior, cuja reflexão estará voltada. O estudo e a apresentação dos casos serão feito sem

maiores aprofundamentos ou especulações, pois não é escopo desse trabalho estudar o conflito ou a situação em si, mas sim contextualizá-los dentro da Guerra Fria, e identificar se a utilização do Poder Naval norte-americano estava ajudando a cumprir algum, e se for o caso qual dos objetivos da Política de Contenção. Também, as ações e operações de guerra que se sucederam, serão expostas sem a intenção de detalhamento, mas com o mesmo objetivo de verificar sua aderência em apoio à Política da Contenção.

2 A MENTE POR TRÁS DA DOCTRINA

George Frost Kennan é considerado o criador da Doutrina da Contenção. Kennan nasceu em 1904 em Milwaukee, Wisconsin, EUA. Graduou-se em História na Universidade de Princeton em 1925, e logo após entrou para o Serviço de Relações Exteriores dos Estados Unidos, quando foi enviado para diversos locais no mundo, dentre eles Berlim na Alemanha, onde estudou o pensamento e a cultura dos russos até 1934, quando foi colocado em Moscow para trabalhar com o embaixador norte-americano devido ao seu conhecimento. Após voltou a trabalhar em outros países sendo transferido para Praga, Vienna e Berlim novamente. Durante a Segunda Guerra Mundial⁴ foi internado rapidamente pelos nazistas e liberado em 1942. Já em 1944 voltou a Moscou quando assumiu o posto de Ministro Conselheiro e em 1946 escreveu o “*Long Telegram*”⁵, documento reconhecido como o anúncio da Doutrina da Contenção.

Em 1947, já de volta aos EUA, foi nomeado diretor da Equipe de Planejamento de Políticas do Departamento de Estado. Nesse ano, ele escreveu o artigo “X” com o pseudônimo Sr. “X”, que foi publicado em julho na revista “*Foreign Affair*”. Nesse documento, tal qual no “*Long Telegram*”, analisou com detalhes a estrutura comunista e a diplomacia da ex-URSS e como os EUA poderiam atuar e fazer uso das suas nuances em prol do país. Nesse artigo também, introduziu o termo contenção para o mundo. Apesar do anonimato pretendido com o Sr “X”, rapidamente atrelaram o pseudônimo usado na publicação a ele.

⁴ A Segunda Guerra Mundial, também referenciada como a Segunda Grande Guerra, foi um conflito armado por seis anos, de 1939 a setembro de 1945, incluindo diversos países em dois blocos, o eixo e os aliados.

⁵ Em 22 de fevereiro de 1946, George Kennan enviou um telegrama, o PEN-K-M 8963 — *Incomming Telegram* de 8 mil palavras, que ficou conhecido como “*long telegram*”, com informações que seriam usadas nas posteriores política anticomunistas dos EUA.

No entanto, nesses documentos suas ideias não eram uma proposta clara e consistente para uma estratégia nacional para o governo norte-americano, elas refletiam o que ele pensava e entendia sobre o assunto. Sua escrita então era por muitas vezes imprecisa e contraditória e, quando seu pseudônimo foi revelado, não teve como esclarecer ou refinar seu artigo, recebendo críticas na época, conforme expõe Gaddis⁶, com tradução nossa:

Como Kennan nunca pretendeu que o artigo "X" fosse uma declaração abrangente da estratégia nacional, ele refletia apenas imperfeitamente seu pensamento sobre o assunto. [...] tanto que ele se viu em lugares concordando mais com a crítica de Lippmann do que com seu próprio artigo (GADDIS, 2005, p. 25)

Em 1949, Kennan aceitou a nomeação como conselheiro do Departamento de Estado dos EUA, renunciando ao cargo em 1950 para assumir uma cadeira no Instituto de Estudos Avançados de Princeton. Em 1952, retornou a Moscou como embaixador dos EUA, mas no ano seguinte teve que voltar aos EUA por desavenças com os tratamentos dispensados aos diplomatas pela ex-URSS. Em 1956, voltou a Princeton como professor permanente de estudos históricos quando, em 1961, foi chamado para assumir o cargo de embaixador dos EUA na Iugoslávia, finalizando esse serviço em 1963 e voltando a Princeton novamente.

As ideias de Kennan são aceitas por muitos estudiosos como Walter Lippmann e Henry Kissinger, como a doutrina por trás da política de estado, posta em prática pela chamada Doutrina Truman. No entanto Truman introduziu, em relativa discordância com o pensamento de Kennan, uma abordagem também militar. Em seu *"Long Telegram"*⁷, Kennan afirma, com tradução nossa, que "uma intervenção contra a URSS seria desastrosa para

⁶ "Because Kennan never intended the "X" article as a comprehensive statement of national strategy in the first place, it reflected only imperfectly his thinking on that subject. [...] so that he found himself in places agreeing more with Lippmann's critique than with his own article." (GADDIS, 2005, p. 25)

⁷ "Intervention against USSR while it would be disastrous to those who undertook it, would cause renewed delay in progress of Soviet socialism and must therefore be forestalled at all cost". (KENNAN, 1946, p. 2)

aqueles que a empreenderam, e embora causasse um novo atraso no progresso do socialismo soviético deveria ser evitada a todo custo” (KENNAN, 1946, p. 2). No entanto Truman tratou de reforçar ainda em seu mandato o orçamento das Forças Armadas para atuar na contenção. Segundo Kennan, o objetivo norte-americano deveria ser conter o expansionismo soviético, que acreditava ser o impulsionador do comunismo, uma vez que a ideologia carecia de capacidade de se manter sem um patrocinador, pois o regime não propiciava o bem estar social que prometia a médio e longo prazos. No entanto, essa contenção não precisaria ser militar, pois não acreditava na disposição da ex-URSS em promover uma guerra direta contra outra potência militar, uma vez que poderia representar o desmantelamento do regime comunista que após a Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945, também necessitava se fortalecer e passava por uma reconstrução.

Gaddis⁸ afirma, com tradução nossa, que Kennan acreditava que:

Nem a economia russa nem o povo russo estavam em condições de suportar outro conflito tão cedo após o último. Nem os líderes do Kremlin podiam se sentir confiantes em sua capacidade de sustentar operações militares ofensivas além de suas fronteiras... O erro de cálculo, é claro, permanecia um perigo. (GADDIS, 2005, p. 33)

Assim, apesar de não entender a guerra como solução, Kennan também não descartava sua possibilidade, seja por um possível erro de análise, seja pela anarquia natural da atuação dos países no sistema internacional, seja pelos líderes envolvidos, e é nesse pensamento que Truman e seus assessores inseriram a questão bélica.

De fato, Kennan desencadeou o conceito de contenção da política de defesa norte americana, mas se referia a uma contenção sem necessidade de utilização da expressão militar do poder do governo, mas mesmo que a sua ideia não tenha sido usada na

⁸ “Neither the Russian economy nor the Russian people were in any condition to stand another conflict so soon after the last. Nor could Kremlin leaders feel confident of their ability to sustain offensive military operations beyond their borders... Miscalculation, of course, remained a danger” (GADDIS, 2005, p.33).

concepção teórica original, foi basilar para a atuação dos EUA durante a Guerra Fria.

3 O QUE ENTENDEMOS COMO CRISE, ESCALADA DA CRISE, MANOBRA DE CRISE, CONFLITO ARMADO, DOCTRINA, POLÍTICA DA CONTENÇÃO E PODER NAVAL

Para continuarmos nossos estudos precisamos definir o que denominamos como crise neste trabalho. Assim, entenderemos como uma situação que envolva tensão por disputas ou desavenças entre no mínimo dois grupos, sendo eles Estados, grupos étnicos, alianças ou outras combinações entre esses atores e outros, esquecendo qualquer denotação como a relacionada à medicina, psicologia do indivíduo ou outra diferente da exposta. Seguindo, a escalada da crise será identificada como a proporcionalidade entre a situação de crise e os meios empregados para resolvê-la. Sempre que os meios forem aumentados para solução do problema, haverá a escalada da crise, assim como sempre que um novo problema for acrescentado ao existente, exigindo um acréscimo de ações contrárias e, ou, de meios, também consideraremos que o conflito está escalando. O movimento contrário, por lógica, será o arrefecimento da crise, e a evolução da crise poderá ser usada no sentido ascendente ou descendente, sendo interpretada no contexto.

Outra importante definição é o que consideraremos como manobra de crise. Aqui vamos adotar o conceito da publicação de Doutrina Militar de Defesa, MD51-M-04, que informa que a “manobra de crise consiste no processo de condução da crise e tem por finalidade básica conseguir uma paz vantajosa, evitando que ela evolua para o conflito armado” (BRASIL, 2007, p.29). Dessa forma, ao analisarmos os fatos históricos estaremos interessados nas ações que evitaram o conflito ou aquelas que ocorreram antes do conflito armado se iniciar. Adicionalmente, conflito armado nesse texto vai abranger todo o espectro do Direito internacional Humanitário incluindo a guerra declarada, desde que duas partes recorram intencionalmente ao uso da violência para solução de desavenças e, ou,

proteção.

Para entendimento de doutrina, recorreremos à publicação de Doutrina Militar Naval - EMA 305 da Marinha do Brasil que, em sua definição, expõe:

A doutrina se caracteriza por um conjunto de princípios, conceitos, normas e procedimentos, fundamentados principalmente na experiência, destinado a estabelecer linhas de pensamento e a orientar ações, exposto de forma integrada e harmônica. (BRASIL, 2017, p. VII).

Desse modo, não estaremos nos referindo à doutrina do Direito, que usa a opinião especializada para produzir efeitos de jurisprudência, relacionada a um dogma e aos princípios legislativos, ou ainda qualquer outra interpretação diferente da exposta. Outro importante aspecto é que durante esse trabalho entenderemos que a Teoria da Contenção equivale a Doutrina da Contenção, visto que as diferenças não serão relevantes neste estudo. Acrescentaremos ainda que quando aplicada, a teoria ou doutrina citada poderá ser tratada como Política de Contenção, pois aceitamos que ela será a doutrina institucionalizada pelo governo e praticada.

Por fim, usaremos novamente a publicação Doutrina Militar Naval - EMA 305 da Marinha do Brasil para descrever a definição de Poder naval, a saber:

O Poder Naval compreende os meios navais, aeronavais e de fuzileiros navais; as infraestruturas de apoio; e as estruturas de comando e controle, de logística e administrativa. As forças e os meios de apoio não orgânicos da MB, quando vinculados ao cumprimento da missão da Marinha e submetidos a algum tipo de orientação, serão considerados integrantes do Poder Naval (BRASIL, 2017, p. 1-5).

Assim, o Corpo de Fuzileiros Navais das marinhas citadas nesse trabalho estará incluído no Poder Naval, mesmo que nos países de origem sejam outra força, como a divisão que existe da *USNavy* e do *Marine Corps* nos EUA.

4 A MILITARIZAÇÃO DA DOCTRINA DA CONTENÇÃO - DA IDEIA AO MUNDO REAL

O conhecimento teórico de Kennan durante seu tempo trabalhando com os comunistas da ex-URSS, foi importante para que ele pudesse entender que a longa história de invasões da Rússia tornou seu povo receoso, forjou sua desconfiança com o mundo exterior e produziu sua facilidade em suportar momentos adversos, culminando com a aceitação da população com o regime imposto em 1917⁹. O conhecimento tácito da interação com o governo comunista, fez sua inicial simpatia pelo regime decair consideravelmente, mas ainda assim o considerava uma ameaça de natureza política e não militar.

A partir dessas experiências ele desenvolveu sua Teoria da Contenção para o sistema soviético, baseado em uma política adaptável, moralmente sólida e firme, para contrapor ao aparato da ex-URSS. Nesse sentido, foi posto em prática o Plano Marshall¹⁰, o apoio à recuperação do Japão, a reconstrução de Berlim ocidental, entre outros atos.

A doutrina de Kennan propunha uma nova abordagem de resolução para os conflitos com o comunismo e o socialismo, uma abordagem política e não bélica para derrotar o inimigo. No entanto, muitos líderes norte americanos desenvolveram uma outra visão da ameaça soviética, levando-os a adotar também, uma política externa de contenção militar em resposta a uma ordem global que mudara, com a bipolarização. Essa liderança analisou e associou os Estados comunistas e socialistas como inimigos e, portanto uma

⁹ A Revolução Russa, iniciada em 1917, representou a construção de um Estado e de uma sociedade considerada, por muitos especialistas, como socialista. A Revolução Russa teve várias fases que proporcionaram importantes alterações nos rumos da construção da sociedade russa.

¹⁰ O Plano Marshall foi uma ajuda financeira dos Estados Unidos da América para reconstruir a Europa após o final da Segunda Guerra Mundial.

ameaça ao ocidente, cuja resposta seria por vezes militar. Considerando que muitas desses assessores e governantes tinham acabado de viver a Segunda Guerra Mundial, essa militarização incluída pode ser mais facilmente entendida.

Com a aplicação da Política de Contenção após publicação de seu artigo, o governo começou um movimento na defesa de regiões específicas e a recuperação de outras, como a Europa Ocidental e do Japão, visando manter esses centros na esfera ideológica norte-americana e evitar que se tornassem alvo dos comunistas.

Outra importante constatação de Kennan é que a paz não seria imposta pela aceitação de organismos internacionais e, desse modo, ele via que o equilíbrio de poder entre as potências, em que a união com outros Estados seria baseada em interesses comuns de manutenção da ordem vigente, seria a melhor maneira de evitar uma guerra direta e ampla. Gaddis¹¹, com tradução nossa, afirma que:

O particularismo [de Kennan] não rejeitaria a ideia de se unir a outros governos para preservar a ordem mundial, mas para serem efetivas tais alianças teriam que se basear em uma comunidade real de interesses e perspectivas, que só pode ser encontrada entre grupos limitados de governos, e não baseado no formalismo abstrato do direito internacional universal ou da organização internacional (GADDIS, 2005, pag. 27).

Portanto, as alianças de interesse dos EUA deveriam ser feitas com outros Estados, visando além dos interesses norte-americanos a contenção do comunismo, sempre que esse tentasse a expansão, pois como dito, Kennan acreditava que em longo prazo este sistema não se sustentaria devido sua incapacidade de prover as pessoas suas necessidades e direitos básicos, como a liberdade, a propriedade, e outros, e este fato levaria a vitória do mundo livre. Continuando, para ele, as organizações não seriam uteis para manter a paz sem

¹¹ "Particularism would not reject the idea of joining with other governments to preserve world order, but to be effective such alliances would have to be based "upon real community of interest and outlook, which is to be found only among limited groups of governments, and not upon the abstract formalism of universal international law or international organization" (GADDIS, 2005, pag. 27).

a articulação direta dos Estados, principalmente para manutenção do equilíbrio do poder, pois careciam de formas efetivas para impor suas decisões.

4.1 A Doutrina Truman e as políticas posteriores

Harry S. Truman foi presidente dos EUA de 1945 até 1949. Apesar da diferença que muitos estudiosos relatam entre a teoria de Kennan e a prática de Truman, é fato que a última se valeu muito dos princípios da primeira, tratando com seriedade o problema soviético. Como propõem as palavras de Hornfisher¹², com tradução nossa, “embora não sejam as palavras usadas por George Kennan, “contenção” e “anticomunismo” tornaram-se as palavras-chaves de Harry Truman” (HORNFISHER, 2022, p. 60).

A linguagem vaga de Kennan sobre a implementação prática da contenção, deixou um espaço amplo para a efetivação de uma estratégia, dando a oportunidade inclusive de intervenção em todos os países que poderiam ser influenciados pela ideologia da ex-União Soviética, possibilitando aos militares o uso tático para realizar a contenção. Truman adotou a contenção de Kennan e a usou em sua política externa, intervindo em diversos conflitos e crises, racionando a proliferação nuclear e praticando a dissuasão e a persuasão conforme a necessidade dos EUA. É verdade então que a sua política foi formulada essencialmente pelas ideias de Kennan, mas os acontecimentos e as personalidades dos líderes e dos governantes, de ambas as potências antagônicas, direcionaram-na para a atuação militar e com o advento da arma nuclear, a crise entre os EUA e da ex-URRS foi sendo derivada para conflitos e crises em países menores sob a influência ou onde se

¹² “Although not the words used by George Kennan, “containment” and “anticommunism” became the bywords of Harry Truman”. (HORNFISHER, 2022, pag.60)

podiam fomentar dissidências a fim de manter e, ou, conquistar a influência desses Estados. Assim, nos anos que seguiram ao seu mandato e mesmo após ele, observamos o aumento nos gastos militares, intervenções e a formação de alianças, como a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), criada em abril de 1949. Em síntese, a teoria de Kennan apresentava uma maneira de entender e lidar com os soviéticos e estava aberta ao modo de implementação, e os acontecimentos e características dos líderes impulsionavam a utilização do Poder Militar para solução de crises e conflitos diretos e indiretos entre as potências. Dessa feita, de forma natural a Doutrina Trumam introduziu o conflito armado como prática para imposição da contenção soviética.

Após Trumam, os governos que se seguiram continuaram praticando a Doutrina da Contenção durante a Guerra fria. A atuação de Kennedy¹³, a "vietnamização"¹⁴ da Guerra do Vietnã iniciada ainda em Johnson¹⁵, a Detente de Nixon¹⁶ e outras ações, na verdade foram formas diferentes de aplicação da doutrina, mas a lógica por trás das decisões mantinha-se fiel aos pressupostos da contenção. Gaddis¹⁷, com tradução nossa, comenta:

[...] a estratégia Nixon-Kissinger tenha retornado, em seus pressupostos subjacentes, a muitas das ideias sobre as quais George Kennan baseou sua estratégia original de contenção mais de duas décadas antes. A contenção, ao que parecia, estava voltando às preocupações e conceitos que a animaram durante os primeiros dias da Guerra Fria – e essas ideias estavam sendo usadas, como Kennan

¹³ John Fitzgerald Kennedy - 1917 a 1963, foi um político norte-americano e o 35º presidente dos Estados Unidos da América, entre 1961 e seu assassinato em 1963.

¹⁴ Vietnamização foi uma política iniciada pelo presidente Lyndon Johnson, mas efetivamente implementada pelo presidente Richard Nixon, para "ampliar, equipar e treinar as forças do Vietnã do Sul, atribuir-lhes mais um papel de combate, e ao mesmo tempo reduzir as tropas de combate dos EUA na Guerra do Vietnã.

¹⁵ Lyndon Baines Johnson - 1908 a 1973, foi um político americano e o 36º presidente dos Estados Unidos da América entre 1963 e 1969.

¹⁶ Richard Milhous Nixon - 1913 a 1994, foi um advogado e político norte-americano e o 37.º Presidente dos Estados Unidos da América, de 1969 até 1974, quando se tornou o primeiro e único Presidente a renunciar do cargo.

¹⁷ "It is also significant that the Nixon-Kissinger strategy returned, in its underlying assumptions, to many of the ideas upon which George Kennan had based his original strategy of containment more than two decades before. Containment, it seemed, was coming back to concerns and concepts that had animated it during the earliest days of the Cold War—and those ideas were being used, as Kennan had hoped to use them, to try to end the Cold War"(GADDIS, 2005, p. 274).

esperava usá-las, para tentar acabar com a Guerra Fria (GADDIS, 2005, p. 274).

A preservação dos interesses norte-americanos contra a ex-URSS foi durante a Guerra Fria, o guia da política externa americana. A atuação nos diversos conflitos e negociações, incluindo os comunistas chineses, tinham como pelo menos um dos objetivos, atingir ou não ser atingido pelo inimigo principal, os soviéticos.

Para o nosso estudo, não aprofundaremos se houve grandes semelhanças e diferenças entre a teoria e a prática da contenção, pois como foi exposto, a implementação pôde assumir diversas características, dado a falta de clareza em como executar a teoria pelo seu autor. O importante para nosso estudo é como o Poder Naval foi usado à luz da prática da contenção na crise com a ex-URSS, ou seja, a política aplicada durante a Guerra fria. Nesse direcionamento, Gaddis¹⁸ explica que para Kennan, os objetivos da política externa norte-americana, com tradução nossa, eram: “proteger a segurança da nação [...] e promover o bem-estar de seu povo, promovendo uma ordem mundial” (GADDIS, 2005, pag.26). Esses objetivos são amplos e de difícil direcionamento prático, e desta forma foram transformados em algumas ações pelo governo. Portanto, para decompor as ideias de Kennan, analisando dentro do ambiente percebido da Guerra Fria e visando tornar mais objetiva as ações, o que corrobora com a nossa necessidade nesse trabalho para as comparações futuras, colocando em tópicos as ideias, usaremos, com tradução nossa, a definição do relatório do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos da America¹⁹ número 68 (NSC 68), que dispõe:

¹⁸ “to protect the security of the nation [...] and to advance the welfare of its people, by promoting a world order” [...] (GADDIS, 2005, p. 26).

¹⁹ “As for the policy of “containment”, it is one which seeks by all means short of war to (1) block further expansion of Soviet power, (2) expose the falsities of Soviet pretensions, (3) induce a retraction of the Kremlin’s control and influence and (4) in general, so foster the seeds of destruction within the Soviet system that the Kremlin is brought at least to the point of modifying its behavior to conform to generally accepted international standards” (EUA, 1950, p. 21).

[...]a política de “contenção” é aquela que procura por todos os meios, exceto a guerra [direta], (1) bloquear uma maior expansão do poder soviético, (2) expor as falsidades das pretensões soviéticas, (3) induzir a uma retração do controle e da influência do Kremlin, e (4) em geral, fomentar as sementes da destruição dentro do sistema soviético que o Kremlin é levado pelo menos ao ponto de modificar seu comportamento para se adequar aos padrões internacionais geralmente aceitos (EUA, 1950, p. 21).

No momento seguinte desse documento, o Conselho de Segurança reforça e agrega o componente militar e sua importância, e acrescenta o emprego e o preparo dele.

O relatório do Conselho de Segurança Nacional ²⁰, com tradução nossa, continua:

No conceito de “contenção”, a manutenção de uma postura militar forte é considerada essencial por duas razões: (1) como garantia última da nossa segurança nacional e (2) como pano de fundo indispensável à condução da política de “contenção”. Sem força militar agregada superior, por ser e prontamente mobilizável, uma política de “contenção” – que na verdade é uma política de coerção calculada e gradual – não é mais do que uma política de blefe (EUA, 1950, p. 21).

A partir desse ponto, consideraremos as ideais expostas para comparar os aspectos supracitados ao emprego do Poder Naval durante a Guerra Fria. Vamos traçar pontos importantes que nos ajudarão identificar se a atuação do Poder Naval estava de alguma forma se relacionando com tais tópicos.

Assim, conforme explicado, vamos assinalar a Política de Contenção como a que possui as seguintes características convenientes para esse estudo, a saber:

- a) impedir a expansão do poder da ex-URSS;
- b) retrain a influência e o controle soviéticos sob a área já sob sua ingerência e promover o desmantelamento do sistema da ex-URSS, substituindo ou adequando-o a sistemas mais próximos ou iguais a uma democracia capitalista;

²⁰ “ In the concept of “containment”, the maintenance of a strong military posture is deemed to be essential for two reasons: (1) as an ultimate guarantee of our national security and (2) as an indispensable backdrop to the conduct of the policy of “containment”. Without superior aggregate military strength, in being and readily mobilizable, a policy of “containment” -- which is in effect a policy of calculated and gradual coercion--is no more than a policy of bluff” (EUA, 1950, pág. 20 e 21).

- c) assegurar a segurança nacional dos EUA e seus aliados; e
- d) assegurar uma capacidade coerção superior a da ex-URSS.

Desse modo, quando estivermos apresentando alguns eventos históricos dentro da crise dos EUA com a Ex-URSS, como a crise do Suez, dos mísseis em Cuba e outros, estaremos na verdade verificando se a atuação da parte militar do Poder Marítimo estava aderente a alguma das características, abrindo espaço para verificar posteriormente se ou como o Poder Naval foi importante para o apoio à crise última, entre EUA e a ex-URSS.

5 AS POSSIBILIDADES DO EMPREGO DO PODER NAVAL EM APOIO A MANOBRA DE CRISE

Nosso próximo passo será verificar as possibilidades de emprego do Poder Naval no contexto de uma crise. A publicação da estratégia naval americana, *advantage at Sea*²¹, disserta, com tradução nossa:

O Serviço Naval oferece opções flexíveis para responder a crises, gerenciar escaladações e preservar o espaço de decisão para os líderes nacionais. Isso porque as forças navais são globalmente manobráveis e operam persistentemente mais adiante, muitas vezes já estamos no local no início de uma crise. Operar nossas forças navais muito à frente - em perigo e em ambientes contestados - aumenta os riscos para os rivais que consideram o caminho da escalada e evita que a crise se transforme em guerra (EUA, 2020, p. 12).

Esse trecho, apesar de curto, unido aos conhecimentos adquiridos nos bancos escolares da Marinha do Brasil, nos possibilita expor alguns pontos importantes. O primeiro a se considerar é que as Marinhas de Guerra são as únicas forças cujo Teatro de Operação não é o território soberano de outro país. A liberdade de navegação no mar inclusive é um argumento usado para muitos países não ratificarem a Convenção das Nações Unidas sobre o Direito no Mar (CNUDM), como o caso dos EUA, por considerarem que essa liberdade é um conceito sedimentado e necessário para que os navios, de Guerra ou civis, operem sem restrições. Embora a CNUDM delimite áreas onde os Estados têm deveres e direitos sobre elas a liberdade ainda é a regra mantida.

Outro fator é que o Poder Naval, pela sua característica de flexibilidade, oferece opções diversas para responder e gerenciar crises. Desde ações de presença a

²¹ “The Naval Service offers flexible options to respond to crises, manage escalation, and preserve decision space for national leaders. Because naval forces are globally maneuverable and persistently operate forward, we are often already on-scene at the onset of a crisis. Operating our naval forces far forward—in harm’s way and in contested environments—raises the risks for rivals considering the path of escalation and prevents crisis from escalating into war” (EUA, 2020, p. 12).

demonstrações de força, há uma ampla tarefa que o poder naval pode executar, mantendo ou abrindo espaço para que os líderes governamentais possam decidir pela evolução da crise. Ainda dentro desse contexto, a versatilidade também pode ser facilitadora dessa mesma política, ao passo que a mudança de postura de uma Força Naval (FN) pode ser decisiva para escalada ou arrefecimento de uma crise e, ou, para a manobra de crise.

Sob a ótica geográfica e dos fatores tempo e distância, a permanência e a mobilidade são as demais características do Poder Naval que integram o aparato disponível para o nível político. As FN são globalmente móveis e podem operar em diversas áreas, podendo se pré-posicionar com antecedência no local onde se espera o início de uma crise. A operação avançada em teatros de interesse ou mesmo como forma de pressão a decisões políticas, fazem da Marinha de Guerra um instrumento determinante para a evolução da crise.

Junto com as características citadas, uma força com capacidade de projeção de poder sobre terra, pode diminuir o ímpeto por parte do adversário em escalar uma crise, pois estará sujeito a violação de seu território. Como Speller²², com tradução nossa, expõe:

A projeção de poder marítimo pode ser definida como a capacidade de projetar poder do mar para influenciar o comportamento das pessoas e o curso dos eventos. Para isso, as marinhas exploram o controle do mar e a capacidade de manobra marítima para ameaçar ou projetar forças em terra. Não é o único meio pelo qual as marinhas podem gerar poder ou influência em terra, mas é um dos mais diretos. As razões pelas quais alguém pode querer se envolver na projeção de poder marítimo variam de acordo com as circunstâncias. (SPELLER, 2019, p. 150).

Também nessa linha de raciocínio, a prontidão reconhecida para o combate, a capacidade de defesa antiaérea e a disponibilidade de tecnologia superior também são

²² “Maritime power projection can be defined as the ability to project power from the sea in order to influence the behaviour of people and the course of events. To achieve this navies exploit sea control and the capacity for maritime manoeuvre in order to threaten or project force ashore. It is not the only means by which navies can generate power or influence on land, but it is one of the most direct. The reasons why one might wish to engage in maritime power projection vary according to circumstances” (SPELLER, 2019, p. 150).

atributos favoráveis para aqueles que os possuem na resolução de disputas.

O relacionamento com outras marinhas, se demonstrar habilmente as capacidades operacionais e promover admiração profissional, adensam a possibilidade de influir no processo, seja pelo prestígio da FN, seja pela demonstração de poder. Além disso, as alianças e os contatos criados podem influenciar a decisão de terceiros em avançar numa crise, expansível a crises com algum aliado.

As manobras de crise requerem um contínuo fluxo de informações para a compreensão precisa do ambiente operacional. Recorreremos novamente à publicação *advantage at Sea*²³ da Estratégia Naval norte-americana que nos diz:

“As operações de crise requerem uma compreensão precisa do ambiente operacional. As plataformas ISR tripuladas e não tripuladas fornecem indicações e avisos oportunos sobre os preparativos militares dos concorrentes, enquanto as forças navais – incluindo submarinos, navios de superfície, aeronaves e sistemas não tripulados – coletam informações de várias fontes.” E complementa: “As forças de operações especiais navais ajudam a preparar o ambiente operacional em e áreas negadas. Suas habilidades e acesso permitem que o Serviço Naval isolar parceiros vulneráveis e manobrar forças navais dentro de áreas contestadas. Funções únicas, como assuntos civis e informações militares, inibem os potenciais adversários de explorarem as forças marítimas fracas e vulneráveis estruturas de governo durante os períodos de crise” (EUA, 2020, p. 12 e 13).

Nesse aspecto a Marinha pode cumprir diferentes missões, como vigilância, reconhecimento, acompanhamento e obtenção de inteligência, proporcionando avisos oportunos e contribuindo para compilação da situação e ou para prospecção de cenários. Os meios das marinhas quando operando podem manter uma vigilância ativa ou passiva constante, seja essa a missão fim ou não.

²³ “Crisis operations require an accurate understanding of the operating environment. Manned and unmanned ISR platforms provide timely indications and warnings of competitors’ military preparations, while naval forces—including submarines, surface ships, aircraft, and unmanned systems—gather intelligence from a variety of sources.” [...] “Naval special operations forces help prepare the operational environment in contested and denied areas. Their skills and access enable the Naval Service to insulate vulnerable partners and maneuver naval forces inside of contested areas. Unique functions, such as civil affairs and military information, inhibit potential adversaries from exploiting weak and vulnerable maritime governance structures during periods of crisis” (EUA, 2020, p. 12 e 13).

A citação também nos mostra outra possibilidade que são as forças de operações especiais. Pelas suas características furtivas, elas podem ajudar a preparar o ambiente operacional em áreas de crise, pois suas habilidades de acesso a locais negados permitem obtenção de conhecimento e atuação em assuntos civis e militares, auxiliando os objetivos almejados.

Por fim, a dissuasão nuclear é outro fator primordial para o uso do aspecto militar da disputa. A divisão do mundo entre os que têm e os que não têm arma nuclear é nítida nas decisões dos Estados, individualmente ou nos órgãos internacionais. A possibilidade do primeiro ataque ou mesmo do segundo ataque pode ser explorada para a evolução da crise, conforme as diretrizes políticas. Por outro lado, o medo da arma nuclear em ambos os contendores pode frear a escalada da crise e trazer as negociações para zona de possível acordo. As Forças Navais, como vetores de lançamento, possibilitam um argumento considerável para resolução favorável das disputas, aos possuidores dessa arma. Compreendemos então que o submarino se apropria de grande importância, pois a sua ocultação confere ao inimigo uma dúvida constante quanto à sua própria segurança, devido à incapacidade de obter sua posição e conseqüentemente a impossibilidade de ação antes de um ataque ou de uma retaliação.

Desse modo, as Marinhas conferem ao Estado numerosas opções para que as lideranças políticas possam agir, juntamente com as outras expressões de poder, direcionando a crise conforme seus julgamentos, além de obter informações importantes para o posicionamento correto dentro da disputa.

6 A GUERRA FRIA NO MAR: DA TEORIA A PRÁTICA – ALGUNS EXEMPLOS

Após a Segunda Guerra Mundial iniciou-se um impasse nos EUA entre manter uma marinha de “águas azuis”, ou diminuir a quantidade de navios, pois consumiam recursos consideráveis do Estado, e iniciava-se uma ideia de que a Força Aérea poderia substituir a Marinha em todas as suas funções ainda efetivas. Rose²⁴ informa que, nas palavras do secretário de defesa, Lois A. Jonhson:

Não há razão para ter uma Marinha e um Corpo de Fuzileiros Navais. General Bradley diz me que as operações anfíbias são coisa do passado. Nós nunca mais teremos nenhuma operação anfíbias. Isso acaba com o Corpo de Fuzileiros Navais. E a Força Aérea pode fazer qualquer coisa que a Marinha pode fazer hoje em dia, então isso acaba com a Marinha (JONHSON, 1949 *apud* ROSE, 2007, p. 33).

O início da resposta a esse embate começou a se delinear com o avanço da ex-URSS, que após controlar sua área de influência imediatamente vizinha, passou a assediar outros estados como a Turquia e o Irã, com a finalidade de promover dois de seus interesses geopolíticos conhecidos: abastecimento de petróleo e controle do Dardanelos. Ao invadir o Azerbaijão em 1946 e contribuir para a guerra Civil Grega, os EUA viram à necessidade de reagir a ex-URSS, despachando o encouraçado Missouri para região. Assim, Truman iniciou as ações para bloquear os movimentos comunistas, que se intensificariam com a implementação da contenção.

À medida que os EUA se sentiam pressionados pela ameaça comunista no mundo, iniciou-se um sistema de alianças que na prática, possibilitou manter grandes forças navais sempre desdobradas e operando no Pacífico ocidental, Mediterrâneo oriental e no

²⁴ “There’s no reason for having a Navy and Marine Corps. General Bradley tells me that amphibious operations are a thing of the past. We’ll never have any more amphibious operations. That does away with the Marine Corps. And the Air Force can do anything the Navy can nowadays, so that does away with the Navy” (JONHSON, 1949 *apud* ROSE, 2007, p. 33).

Atlântico Norte, e de se fazer presente regularmente nos mares Ártico, Norueguês, Báltico e Negro, em apoio a seus aliados. Unidos a essa presença, foram estabelecidos exercícios multinacionais desenvolvendo e testando táticas, aumentando a interoperabilidade, operando em áreas cuja expertise ainda era limitada, e obtendo dados do adversário. Um exemplo desses exercícios foi a Operação *Frostbite* que teve sua primeira edição em 1946, com duração de duas semanas, e foi realizada no Mar de Labrador e Estreito de Davis, e visava aumentar a interoperabilidade e obtenção de dados operativos. Continuamente a marinha começou a canalizar mais forças para a área estabelecendo a Sexta Esquadra em 1948, e o início de outras operações conjuntas após a criação da OTAN, em 1949. No entanto, os embates no congresso norte-americano sobre o tamanho da Marinha continuavam e restringiam a efetividade contra a Marinha soviética. A disputa interna continuou até a Guerra da Coreia em 1950, quando as batalhas políticas se submeteram a necessidade em se contrapor definitivamente a expansão soviética. Conforme expões Rose²⁵

Dois meses e treze dias depois que Truman aceitou implicitamente o NSC 68, ordenando que mais trabalho fosse feito para elaborar as políticas nele contidas, o Exército Popular da Coreia do Norte invadiu a Coreia do Sul em uma tranquila e pacífica manhã de domingo, encerrando abruptamente quase cinco anos de paz internacional inquieta.[...] O NSC 68 abruptamente tornou-se assustadoramente pertinente, uma representação aparentemente clara do mundo da Guerra Fria que oferecia respostas bem concebidas à expansão comunista internacional dirigida pelos soviéticos (ROSE, 2007, pág. 39)

A adoção do NSC 68 em janeiro de 1950 e o início da Guerra da Coreia decretaram que a realidade se impõe sobre as ideias, demonstrando que a conciliação plena entre os EUA e a ex-URSS não seria possível nos anos vindouros.

²⁵ “Two months and thirteen days after Truman implicitly accepted NSC 68 by directing that further work be done to elaborate the policies contained therein, the North Korean People’s Army invaded South Korea on a quiet, peaceful Sunday morning, abruptly ending nearly five years of uneasy international peace.[...] NSC 68 abruptly became frighteningly pertinent, a seemingly clear-eyed depiction of the cold war world that offered well-conceived responses to Soviet directed international Communist expansion” (ROSE, 2007, pág. 39).

6.1 A Guerra da Coreia – 1950-1953

Com o embate interno e seu reflexo na atuação da Marinha norte-americana, China e a ex-URSS puderam apoiar a investida dos comunistas coreanos iniciando a guerra. A Marinha dos EUA não dispunha de meios na área para agir dissuasivamente ou para impor um bloqueio imediato às ações norte-coreanas e controlar a crise, o que lhe custou um envolvimento posterior mais direto na guerra. No entanto, ela ainda possuía Forças Navais capazes de combate, que puderam evitar um envolvimento mais acentuado da Ex-URSS e da China. Truman, presidente na época, percebeu que a política de conciliação não daria certo e começou a apoiar o reaparelhamento da Marinha triplicando seu orçamento. Ele também entendeu que não poderia deixar o resto do mundo sem forças capazes de atuar contra novas incursões comunistas. Desse modo, o Poder Naval antes da deflagração do conflito, ainda no início da crise, foi utilizado devido a sua flexibilidade e permanência, para dissuadir um apoio robusto e direto de China e ex-URSS à Coreia do Norte, em consonância com a Política da contenção e buscou em última análise, impedir a expansão do poder da ex-URSS, retraindo a influência e o controle soviéticos sob a área já sob sua ingerência, assegurar a segurança nacional dos EUA e seus aliados e assegurar uma capacidade de coerção superior a da ex-URSS.

Importante também é que, após essa investida comunista, foram acrescentados os exercícios rotineiros em larga escala com seus aliados, nas proximidades da União Soviética como parte da política dos EUA, como anteriormente exposto, a fim de aumentar a interoperatividade, dissuadir intenções contrárias ao seu interesse e obter dados de possíveis TO e dos adversários, usando forças de assalto, bem como navios novos e com novas tecnologias. Um exemplo desses exercícios foi a Operação *Mainbrace*, realizada em

1952. Conforme expõe Lehman²⁶, com tradução nossa, “a Operação *Mainbrace*, em setembro de 1952, foi o primeiro grande exercício naval da OTAN no Atlântico Norte [...] incluindo operações nos mares da Noruega, Barents, Norte e Báltico, e operações de porta-aviões em Vestfjord e assalto anfíbio na Dinamarca” (LEHMAN, 2018, p. 39).

O importante desse fato é que essa interoperabilidade e o acesso a outros TO para obtenção de informações operacionais proporcionou, em outras ocasiões, aos EUA importantes conhecimentos sobre as operações da marinha soviética, que influenciou nas negociações e conduções de outras crises.

6.2 Golpe na Guatemala – 1954

Em junho de 1954, o presidente Jacobo Arbenz foi deposto por um golpe militar. Vários fatores contribuíram para o golpe, mas o descontentamento dos militares foi fundamental para desferi-lo.

Apesar de controversa, a política que Arbenz implementou desde sua assunção foi vista como de esquerda, principalmente por sua reforma agrária. Os EUA temiam o aumento da influência da ideologia soviética no país a ponto de torná-lo comunista e fomentaram, junto com setores internos, sua retirada do poder.

Em 1954, vendo a situação interna se deteriorar, o movimento da esquerda da Guatemala solicitou apoio a Ex-URSS, que enviou armamento para o país em maio daquele ano. Com o aumento da influência soviética, os EUA deslocaram uma força para a área

²⁶ “Operation Mainbrace, in September 1952, was the first major NATO naval exercise in the North Atlantic. [...] it included operations in the Norwegian, Barents, North, and Baltic Seas, including carrier operations off Vestfjord and amphibious assaults in Denmark” (LEHMAN, 2018, p.39).

composta por um porta-aviões e cinco navios com um batalhão de fuzileiros navais. Em 18 de junho, os Estados Unidos da América anunciaram um embargo de armas contra Guatemala. A crise terminou onze dias depois com um golpe que instalou um novo governo sob o ditador Carlos Castillo Armas.

Assim, o Poder Naval atuou em respaldo a Teoria da Contenção para impedir a expansão do poder da ex-URSS, assegurar a segurança nacional dos EUA e seus aliados e assegurar uma capacidade coerção superior a da ex-URSS.

6.3 As crises do Estreito de Taiwan

Embora o Partido Nacionalista Chinês *Kuomintang* (KMT) e o Partido Comunista Chinês (PCC) lutassem contra a invasão japonesa da Manchúria em 1931, havia conflitos entre eles que impediram, após a expulsão dos japoneses na Segunda Guerra Mundial, a conciliação para um governo conjunto ou que promovesse a coexistência, pois as desavenças internas eram grandes demais para essa união. Nos anos que se seguiram a 1945, os embates continuaram, mas diferente do que ocorria antes de 1931, o PCC estava relativamente mais forte.

Os americanos tentavam unir os dois partidos numa China forte, mas o aumento das forças do PCC e ambiente estratégico global centrado na Guerra Fria propiciou aos comunistas distorcerem favoravelmente o equilíbrio de poder a seu favor.

Em 1949 o PCC conseguiu conquistar a Manchúria e no final desse ano, após confrontos com cerca de seis milhões de mortos, o KMT fugiu para Taiwan na esperança de reagrupar para um contra-ataque que acabou nunca ocorrendo.

Nos anos seguintes, as escaramuças continuaram atingindo as ilhas próximas a

Taiwan, no intuito de enfraquecer ou exterminar os adeptos do KMT na região. Com medo da escalada e da invasão a ilha principal, o Poder Naval norte-americano foi preparado para retirar as tropas nacionalistas de todas as ilhas próximas e realizar um bloqueio naval no continente. Isso forçou os comunistas a cederem e, em abril de 1955 o governo do continente declarou que estava aberto a negociações e que a conquista de Taiwan seria pela via pacífica, terminando a primeira crise do estreito de Taiwan.

Em julho de 1958, o PCC voltou a atacar diversos objetivos militares próximos a Taiwan, consolidando uma posição militar superior ao KMT e retomando a intenção de unificação pela força. A Marinha norte-americana respondeu escoltando e protegendo o abastecimento dos Nacionalistas e disponibilizando tropas para um assalto ao continente.

Apesar da consolidação do comunismo na China continental, em ambos os casos o Poder Naval atuou em apoio a Política de Contenção, visando impedir a expansão do poder comunista, tendo como pano de fundo a ex-URSS, e a segurança dos aliados. Outro fato importante é que a questão de Taiwan causou uma divisão entre a ex-URSS e o PCC, possibilitando retrain a influência e o controle soviéticos sob a área já sob sua ingerência, haja vista que o PCC esperava um apoio mais robusto contra a participação dos EUA na ocasião.

6.4 A Crise do Suez – 1956

O presidente do Egito Abdel Nasser, nacionalizou em 1956 o canal do Suez, cujo controle era do Reino Unido (RU). Em consequência, o porto israelense de Eilat ficou bloqueado, assim como o acesso de Israel ao mar Vermelho. Tal fato deu início a Crise de Suez, que culminou com a declaração de guerra de Israel ao Egito. Após um arranjo com os

franceses e britânicos, Israel atacou o Egito, que por sua vez tinha o apoio da ex-URSS. Os franceses e britânicos, conforme o acordo velado com Israel, ameaçaram uma invasão para que promover o fim da guerra, mas a ação tinha como objetivo o controle do Suez novamente. Os soviéticos deram um ultimato para que fosse cessada a operação e os EUA tiveram que responder energicamente ao ultimato, no entanto forçaram seus aliados a cessar o intento, fato considerado uma derrota diplomática para o RU e a França.

Após entender que o conflito armado era iminente, os EUA movimentaram diversos meios navais, principalmente da Sexta Esquadra, para a região. Esse acontecimento possibilitou que os norte-americanos pudessem aumentar a percepção de seu poder para o mundo. Conforme Hornfischer²⁷ afirma, com tradução nossa, com a possibilidade das hostilidades iminentes, autoridades militares norte-americanas viram a oportunidade de “avisar o mundo inteiro de que estamos prontos para agir instantaneamente, se necessário” (HORNFISCHER, 2022, p. 451).

O posicionamento antecipado dos Navios norte-americanos, a flexibilidade e a permanência, assim como sua destreza foram os principais fatores que levaram a decisão de usar o Poder Naval como o primeiro escalão de combate nesse episódio. Ele foi usado, reunindo uma força suficientemente dissuasória da Sexta frota, para impedir que os soviéticos pudessem desestabilizar ou alterar as esferas de influência, atuando contra o Reino Unido e a França, e colocando a Europa a Ásia na esfera comunista. Também impediu a expansão do poder da ex-URSS, assegurou a segurança nacional dos EUA e seus aliados e assegurou uma capacidade coerção superior a da ex-URSS.

Outra ação empreendida foi o aumento do reconhecimento oceânico para a

²⁷ “put the entire world on notice that we are ready to move instantly if necessary” (HORNFISCHER, 2022, p. 451).

compreensão da consciência situacional de outras oportunidades que os soviéticos poderiam aproveitar, expandindo o reconhecimento do Oriente Médio.

O Poder Naval também foi utilizado para evacuação dos nacionais norte-americanos do Egito e de Israel, fato que demonstra a capacidade operacional e a manutenção da segurança nacional dos EUA e dos interesses de seus cidadãos.

6.5 A Crise do Líbano – 1958

O presidente libanês solicitava há algum tempo apoio norte-americano, acrescentando que os comunistas vinham aperfeiçoando suas técnicas desde 1948 e que esses elementos atuavam da Síria, visando desferir um golpe no Estado, sendo suportados pela ex-URSS. Com a degradação da situação no Líbano e outros problemas como o assassinato do seu primeiro-ministro pelo exército iraquiano, os EUA colocaram em prática a operação *Blue Bat*. Segundo Lehman²⁸, com tradução nossa, na “operação *Blue Bat*, o presidente Dwight Eisenhower ordenou que a marinha desembarcasse uma força de fuzileiros navais no Líbano para estabilizar uma perigosa deterioração política e apoiar o governo libanês” (LEHMAN, 2018, p. 48). A finalidade foi atuar em apoio aos seus aliados limitando o avanço comunista, ocupando partes do Líbano como o aeroporto. Em resposta, o primeiro-ministro soviético declarou que o Exército Vermelho realizaria manobras no Trans-Cáucaso e no Turcomenistão, distritos da ex-União Soviética, que faziam fronteira com a Turquia e o Irã, aliados norte-americanos. Adicionalmente, a ex-URSS exigiu a retirada dos

²⁸ “in Operation Blue Bat, President Dwight Eisenhower ordered the navy to land a force of marines in Lebanon to stabilize a dangerous political deterioration and support the Lebanese government” (LEHMAN, 2018, p. 48).

fuzileiros navais dos EUA desta área afirmando que tinha o direito de agir a fim de interromper uma situação de perigo próxima a sua fronteira. Hornfischer²⁹, em seu livro exemplificou a importância do Poder Naval dos EUA nessa ocasião:

Em 12 de julho de 1958, quando o presidente Chamoun solicitou uma resposta de quarenta e oito horas, as forças navais [dos EUA] forneceram a única opção para ajudá-lo. A Força Aérea começaria a transportar bombardeiros supersônicos F-100 Super Sabre da costa leste dos EUA para Adana, na Turquia, contando com reabastecimento aéreo. As tropas do exército na Alemanha exigiam carregamento semelhante para o trânsito aéreo para a Turquia. As forças da Sexta Frota, já em ação já no teatro, empilharam-se diretamente do mar.(HORNFISCHER, 2022, p. 494).

Assim, o Poder Naval era a única Força capaz de fornecer opções para deter o ímpeto soviético. Sua capacidade de se posicionar antecipadamente, a liberdade de navegação, a permanência e a credibilidade foram essenciais para respaldar e executar as manobras políticas na crise com a ex-URSS, visto que os meios da Sexta Esquadra foram os únicos capazes de rapidamente se postaram no local, pois como descrito acima, a Força Aérea não poderia com essa rapidez apoiar a manobra, pois teria que transportar seus bombardeiros F-100 Super Sabre da costa leste dos EUA para Adana, e as tropas do exército mais próximas, na Alemanha, também exigiriam tempo de transporte para o local.

Portanto, o uso do Poder naval apoiou a Política de Contenção uma vez que pode impedir a expansão do poder da ex-URSS, assegurar a segurança nacional dos EUA e seus aliados e assegurar uma capacidade de coerção calculada, gradual e superior a da ex-URSS.

²⁹ “On July 12, 1958, when President Chamoun had requested a forty-eight-hour response, naval forces provided the only option to help him. The Air Force would begin ferrying supersonic F-100 Super Sabre fighterbombers from the U.S. East Coast to Adana, Turkey, relying on aerial refueling. Army troops in Germany required similar loading up for airborne transit to Turkey. The Sixth Fleet’s forces, on hand already in theater, piled in directly from the sea” (HORNFISCHER, 2022, p. 494).

6.6 A Crise dos Mísseis de Cuba – 1962

A revolução cubana em 1959 e o avanço comunista fizeram os EUA perceberem que possuíam mais uma frente de disputa no mundo. Após a instalação de mísseis nucleares “jupiter” na Turquia e na Itália, a ex-URSS percebeu a oportunidade de também aproximar seus mísseis de território americano. O regime comunista começou a ganhar espaço em Cuba quando os norte-americanos se afastaram após Fidel Castro tomar o poder, e os soviéticos começam a desembarcar armamentos do país. Com a tentativa malfadada de tirar Castro do poder os dois Estados se distanciaram e Castro se alinhou definitivamente com o regime comunista. O esforço infeliz de assassinato o líder cubano, pelos EUA, propiciou a justificativa para Khrushchev³⁰, com um pretexto moral e político, de defender seu aliado. Em 1962, com imagens de reconhecimento aéreo e satelitais, os norte-americanos descobriram a lançadores R-12 e R-14, para mísseis balísticos nucleares de alcance intermediário. Adicionalmente, analistas da inteligência norte-americana descobriram um carregamento de armas que acreditavam ser mísseis nucleares, da ex-URSS para Cuba. Após escutar as opções, o presidente norte Americano Kennedy determinou o bloqueio naval de Cuba, denominado quarentena, a ser aplicado pela Segunda Esquadra e outras unidades da Frota do Atlântico, somando aproximadamente 46 navios, 240 aeronaves e 30.000 militares. Por meio de negociações as duas potências chegaram a um acordo com retirada de armamentos por ambos os lados. O emprego do Poder Naval nessa crise foi fundamental, pois conforme Rose³¹ esclarece, com tradução nossa, “os soviéticos poderiam ter quebrado

³⁰ Nikita Khrushchev participou e venceu a disputa interna pela sucessão do Partido Comunista, em 1953, após a morte de Joseph Stalin, tornando-se o líder da ex-URSS entre 1953 e 1964.

³¹ “The Soviets could have broken or contested the quarantine only with a fleet of comparable size and capability that could have forced the U.S.”(ROSE, 2007, p. 161 e 162).

ou contestado a quarentena apenas com uma frota de tamanho e capacidade comparáveis as que os EUA possuíam” (ROSE, 2007, p. 161 e 162). Como não tinha, o poder naval dos EUA pode atuar direta e indiretamente, impedindo que o material chegasse a Cuba e dando respaldo as tratativas entre Washington e Moscou que se seguiram, além de dissuadir ações cubanas que pudesse ser feitas contra os EUA.

Dentro da Política de Contenção, podemos verificar que a atuação impediu a expansão do poder da ex-URSS, deu oportunidade de mostrar que o sistema soviético não era um sistema benigno, retraiu a influência e o controle soviéticos sob a área já sob sua ingerência, assegurou a segurança nacional dos EUA e assegurou uma capacidade de coerção calculada, gradual e superior a da ex-URSS.

6.7 A Guerra do Vietnã – 1959 A 1975

Antes da entrada dos EUA diretamente na Guerra do Vietnã, em 1964, a Marinha teve o papel de apoio aos combatentes do Vietnã do Sul e estabelecimento de bloqueio naval contra o abastecimento dos *Viet Cong*s³² que combatiam no sul. Com essas ações, o governo norte-americano esperava a resolução do conflito entre vietnamitas limitando o alcance comunista do norte. As operações da marinha dos EUA se concentravam na obtenção de inteligência contra as comunicações, no sistema de vigilância, apoio as operações especiais do Vietnã do Sul e patrulha para impedir que materiais fossem transportados por embarcações e chatas de madeira, reabastecendo os combatentes

³² *Viet Cong*s eram os comunistas vietnamitas, que atuavam como uma força de guerrilha com o apoio do Exército do Vietnã do Norte, e lutaram contra o Vietnã do Sul e os Estados Unidos durante a guerra do Vietnã (1960 a 1975).

insurgentes. No entanto, as ações não foram suficientes e em 1964 os EUA tomaram ações diretas na guerra. Como definimos que nosso objeto de pesquisa se limitaria a crise não nos aprofundaremos nas ações do poder naval que se seguiram no conflito, no entanto, nessa primeira fase descrita acima, cujo apoio foi indireto, podemos afirmar que a marinha atuou visando impedir a expansão do poder da ex-URSS, retraindo a influência e o controle soviéticos sob a área já sob sua ingerência, assegurar a segurança de seus aliados e assegurar uma capacidade de coerção superior a da ex-URSS, no entanto em última análise, não conseguiu lograr êxito culminando com a guerra prolongada que se seguiu e a derrota americana.

6.8 A operação Azorian – 1971

A Operação Azorian foi uma operação de obtenção de inteligência que o Poder Naval realizou para capturar dados que pudessem favorecer os EUA em detrimento da ex-URSS. Em 1968, o submarino de mísseis soviético K-129 afundou próximo ao Havaí. O submarino era capaz de transportar mísseis balísticos nucleares e após impossibilidade de localização do submarino pela marinha Soviética, os EUA conseguiram localizá-lo e elaboraram um plano para recuperar dados de inteligência de valor, como livros de códigos, equipamentos de criptografia e comunicação, ogivas nucleares, mísseis e torpedos. Após um engenho improvisado de garras para puxar o submarino, visto que as profundidades eram excessivas para atuação direta e um submersível norte-americano, o K-129 se partiu não possibilitando o resgate de todo seu material.

Como Lehman³³ informa, com tradução nossa:

Infelizmente, a subseção se partiu ao ser puxada para dentro do navio e dois terços dela caíram de volta ao fundo do mar. Mas uma parte foi trazida a bordo com sucesso, e uma grande quantidade de material útil foi recuperada — incluindo, em alguns relatórios, dois torpedos nucleares. [...] Apesar da decepção da marinha, a operação foi de fato um grande golpe de inteligência naval. (LEHMAN, 2017, p. 35)

Mesmo assim, o apoio do Poder Naval no contexto da crise com a Ex-URSS foi fundamental para obtenção de dados de inteligência capazes de uma melhor avaliação das possibilidades e capacidades do inimigo e da consciência situacional, a fim de obter a vantagem competitiva. Desse modo, a atuação dentro da Política conseguiu assegurar a segurança nacional dos EUA e seus aliados e assegurar uma capacidade de coerção calculada, gradual e superior a da ex-URSS.

6.9 A operação Ivy Bells – 1972

Em 1972, visando à obtenção de dados de inteligência, teve início a Operação Ivy Bells, cujo objetivo era monitorar as linhas de comunicações submarinas militares soviéticas no Mar de Okhotsk. Os EUA começaram a explorar as linhas de comunicação soviéticas com o submarino nuclear Halibut, obtendo informações operacionais. Com o sucesso dessa operação na obtenção dos dados, outras operações semelhantes foram impostas em áreas de interesse. Análise de estudiosos indica que a inteligência fornecida por esta fonte, foi fundamental para que o então presidente Reagan, pudesse conduzir as crises e sua estratégia durante seu mandato. Os dados obtidos entregaram conhecimentos sobre a

³³ “Unfortunately, the sub section broke apart as it was being drawn into the ship, and two-thirds of it fell back to the sea bottom. [...] But the forward third was successfully brought aboard, and a great deal of useful material was recovered—including, in some reports, two nuclear torpedoes. [...] Despite the navy’s disappointment, the operation was in fact a major naval intelligence coup” (LEHMAN, 2017, p. 35)

doutrina e estratégia naval soviética, os meios soviéticos, seus pontos fortes, suas vulnerabilidades, suas percepções em relação aos Estados Unidos da América e suas reações a cada ação da Marinha norte-americana. Assim, O Poder naval atuou mais uma vez como reconhecimento, vigilância e obtenção de informações valiosas, auxiliando o poder político na condução das diversas crises com a ex-URSS a ponto de promover dentro do sistema Soviético a ciência de sua incapacidade de lidar com um ataque contínuo da OTAN, desencorajando a expansão agressiva de sua marinha. O Poder Naval, em conformidade com a Política da Contenção, conseguiu impedir a expansão do poder da ex-URSS, promover o desmantelamento do sistema da ex-URSS, assegurar a segurança nacional dos EUA e seus aliados e assegurar uma capacidade de coerção calculada, gradual e superior a da ex-URSS.

6.10 Expansão da Marinha Soviética e o apoio norte-americano a Israel

Logo após a Segunda Guerra Mundial a marinha soviética não se mostrava um inimigo à altura ao Poder Naval norte-americano. A crise dos mísseis em Cuba evidenciou o quanto os comunistas estavam em desvantagem nesse aspecto. Esse fato já havia sido percebido pelas lideranças soviéticas que começaram uma reestruturação, mesmo antes do evento em Cuba, de seu Poder Naval a fim de utilizá-lo na disputa. De fato, desde 1961, a Marinha da ex-URSS já se apresentava com mais frequência no Atlântico aumentado também nos anos que seguiram sua presença no Mediterrâneo e na África Ocidental. A crise dos mísseis fez o programa se intensificar e em 1970 o Poder Naval soviético no mar já apresentava um grau perceptível de adestramento e operacionalidades.

Rose³⁴, com tradução nossa, informa que Raymond V. B. Blackman, editor do *Jane's Fighting Ships*, escreveu em 1971:

“Parece que uma vez em seu caminho não há como parar a União Soviética em seu progresso naval. . . . Não há esconderijo do martelo e da foice.... A frota mercante soviética expandiu-se de 1.000 navios com 2.300.000 toneladas brutas em 1955 para 7.000 navios com 16.000.000 toneladas brutas em 1970. O aumento de navios de combate não foi menor espetacular, particularmente no final da década de 1960... A expansão do poder marítimo soviético foi um fenômeno militar da década de 1960 que parece estar subindo para uma maré cheia na década de 1970.” E também lançou a seguinte questão: “Quem está policiando o mundo agora?” (BLACKMAN, 1971 *apud* ROSE, 2007, p. 190 e 192)

Em contrapartida, a *US Navy* experimentava um declínio na moral e o envelhecimento de muitos navios, o que causou uma disputa com os soviéticos para obter mais informações sobre sua marinha, às vezes com perseguições ou posicionamentos próximos as bases soviéticas, espreitando-os e cativando-os a assumir manobras táticas a fim de colher inteligência operacional, já que via sua superioridade decaindo rapidamente.

Após a guerra arabe-israelense³⁵ de 1967, a ex-URSS implementou a frota soviética do Mediterrâneo e logo depois criou a “*Quinta Eskadra*”, ou Quinta Esquadra, postando-se definitivamente na região e mostrando uma força capaz de se contrapor a esquadra dos EUA.

Em 06 de outubro 1973, as forças armadas Egípcias e Sírias atacaram Israel. O presidente Nixon colocou a Sexta Esquadra em alerta, mas devido à licença para o pessoal e reabastecimento dos navios norte-americanos, eles só ficaram prontos apenas uma semana depois, quando se reuniram próximos a região. Os soviéticos, devido ao aumento de suas

³⁴ “It seems that once in her stride there is no stopping the Soviet Union in her naval progress. . . . There is no hiding place from the Hammer and Sickle.... The Soviet merchant fleet has expanded from 1,000 ships aggregating 2,300,000 tons gross in 1955 to 7,000 ships aggregating 16,000,000 tons gross in 1970. The increase in the fighting fleet has been no less spectacular, particularly in the later 1960s.... The expansion of Soviet maritime power was a military phenomenon of the 1960’s which looks like rising to a flood tide in the 1970’s.[..]” “Who is policing the world now?” (BLACKMAN, 1971 *apud* ROSE, 2007, p. 190 e 192).

³⁵ A Guerra dos Seis Dias, ou Terceira Guerra árabe-israelense, foi travada em junho de 1967, tendo de um lado do conflito as forças armadas do Estado de Israel e, do outro, as forças do Egito, Síria, Jordânia e Iraque, que, por sua vez, receberam o apoio de Kuwait, Líbia, Arábia Saudita, Argélia e Sudão.

operações na área, possuíam mais navios no local no início das hostilidades.

A guerra se desenrolou com os EUA apoiando Israel e a ex-URSS apoiando o Egito, mas a atuação do Poder Naval norte-americano se viu limitada devido ao Poder Naval soviético, e considerando a ameaça de uma guerra nuclear, a solução foi levar os beligerantes à paz. Como bem retrata Rose³⁶, com tradução nossa, “Kissinger, temendo [...] a Terceira Guerra Mundial, mudou de tática mais uma vez, buscando “ajustar” a crise a um impasse para que tanto os árabes quanto os israelenses fossem suficientemente enfraquecidos para serem receptivos a uma paz[.]”(ROSE, 2007, p. 198).

Até então as marinhas das duas potências não tinham chegado tão perto de um combate direto, no entanto, o Poder Naval norte-americano, parte do nosso estudo, foi importante nessa situação, pois impediu a expansão do poder da ex-URSS e assegurar a segurança nacional dos EUA e seus aliados, apesar de não ter conseguido mais retrain a influência e o controle soviéticos sob a área já sob sua ingerência e assegurou uma capacidade de coerção superior a da ex-URSS.

6.11 O medo maior – a dissuasão nuclear

O fator nuclear durante o período da Contenção tornou-se central no relacionamento entre os dois blocos ideológicos existentes, principalmente nas diversas escaramuças das potências. Rose (2007) afirma que Dwight D. Eisenhower³⁷ dividia as forças em cinco categorias básicas: forças nucleares de retaliação ou de ataque, forças

³⁶ “Kissinger, fearing [...] World War III, changed tactics once more, seeking to “fine-tune” the crisis to a stalemate so that both the Arabs and the Israelis would be sufficiently weakened by the bloodletting to be amenable to a long-term regional peace [...]” (ROSE, 2007, p. 198).

³⁷ Dwight David Eisenhower (1890 - 1969) foi um oficial militar americano e estadista que serviu como o 34º presidente dos Estados Unidos de 1953 a 1961.

desdobradas no exterior, forças para manter as rotas marítimas globais abertas em tempos de crise e emergência; forças para proteger os Estados Unidos de ataques e forças de reserva.

O primeiro ataque e a retaliação nuclear, incluídos na primeira categoria, eram considerados centrais na defesa nacional dos detentores dessa arma. No que tange às marinhas, o avanço da aviação embarcada e dos sistemas lançadores de mísseis em navios e principalmente do submarino, todos possíveis portadores de armas nucleares, trouxe para mesa de negociação o medo constante de que a evolução de uma crise poderia se tornar um holocausto nuclear, cujas plataformas lançadoras poderiam já estar pré-posicionadas e ocultas. De fato, desde 1950, os Porta-aviões passaram a ser espinha dorsal do Poder Naval norte-americano, visto sua importância durante a Segunda Grande Guerra com a aviação embarcada e, na década seguinte, os avanços das armas e da construção de submarinos, fez esse meio ganhar um espaço importante como lançador de mísseis estratégicos. Assim, quando o Poder Naval estava atuando em manobras de crise, essas duas armas sempre colocavam argumentos consideráveis na balança, o que explica em parte, a condução da crise entre as potências evitar a escalada até um conflito, resolvendo-a pela negociação ou terceirizando o embate militar.

Assim, apesar do Poder Naval não ter realizado o lançamento dessas armas, a possibilidade de uso delas conseguiu, pelo lado norte-americano, assegurar a segurança nacional dos EUA e seus aliados e assegurar uma capacidade de coerção calculada e superior a da ex-URSS. Indiretamente, podemos atribuir também, que a corrida armamentista ajudou a retrain a influência e o controle soviéticos sob a área já sob sua ingerência e promover o desmantelamento do sistema da ex-URSS, uma vez que a situação econômica foi um dos motivos do fim da URSS.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme exposto, o propósito desse estudo foi verificar se durante a Guerra Fria, o emprego do Poder Naval dos Estados Unidos da América atuou em concordância com os objetivos da Política da Contenção, contra a ex- URSS. De fato, podemos perceber que o Poder Naval apoiou tal política, no entanto, algumas vezes foi aderente a todas as características dela, em outras a alguns de seus aspectos, assim como algumas vezes foi o esforço principal outro a parte componente.

Para tal, tivemos que verificar que a vida de Kennan estudando e entendendo a Ex-URSS possibilitou a ele uma visão peculiar das características daquela população e do governo instaurado. Apesar do que era apresentado, Kennan pôde perceber o comunismo soviético na prática, o que lhe proporcionou o entendimento de como lidar com a ideologia. No entanto, a expressão de sua teoria não foi analítica ao ponto de identificar ações imutáveis, inquestionáveis ou mesmo direcionais, o que possibilitou aos governantes usá-la, na intensidade e nas expressões de poder conforme seus julgamentos.

A aplicação da teoria pela Doutrina Truman, e a adoção do NSC 68, pôs em prática as ideias de Kennan adicionando o mecanismo militar como possível solução. A ideia de que o confronto com a ex-URSS não seria a maneira adequada de lidar com o avanço comunista foi obedecida parcialmente, pois os confrontos foram transferidos para áreas de influência com as potências os patrocinando. Ainda assim, o confronto direto foi muito mais contido pelo advento da arma nuclear do que pelas características morais e superiores que Kennan acreditava ter o sistema norte-americano.

A condução da Política da Contenção durante o desenrolar da Guerra Fria obrigou aos governantes utilizarem o Poder Naval como um importante instrumento na

condução dessa crise. Assim percebemos que as características do Poder Naval como flexibilidade, versatilidade permanência e mobilidade foram facilmente exploradas nesse contexto, em que a manobra de crise pode direcionar a evolução conforme a intenção das lideranças. Além dessas características a própria postura e credibilidade que a Marinha norte-americana possuía, fruto de sua atuação na Segunda Guerra Mundial, a vanguarda em tecnologia como a criação de mísseis de longo alcance, incluindo o nuclear, e a posterior adjudicação dessa arma ao submarino, que representou a união da destruição a furtividade, foram fundamentais aos governantes dos EUA na relação com o bloco socialista, apoiando nas ações de escalada e arrefecimento das crises. Outra importante contribuição do Poder Naval foi a obtenção de dados de inteligência e esclarecimentos, que possibilitaram o entendimento mais holístico do cenário, fator fundamental para a tomada de decisão em diversos aspectos, desde o nível estratégico, munindo as diversas expressões do poder do que deveriam fazer, ao tático, com as informações de resposta e postura na Marinha soviética, o que, em última análise, diminuiu ou eliminou a possibilidade de surpresa soviética minando a confiança adversária.

Por fim, quando analisarmos algumas crises, operações, ações, ou mesmo os atos precedentes a alguns conflitos, conforme apresentado no capítulo 6, respaldamos a afirmação inicial de nossa conclusão no primeiro parágrafo deste capítulo. Os exemplos que se seguiram, como a crise dos mísseis em Cuba ou a Operação Azorian, cujo Poder naval foi o ator preponderante, ou ainda a crise do Líbano, onde ele ofereceu a resposta mais rápida para um posicionamento mais consistente das forças norte-americanas, defenderam nossa afirmação que o Poder Naval dos EUA, na crise com a ex-URSS durante a Guerra fria, atuou a luz da Política da Contenção, sendo demandado de diversas maneiras conforme suas características, mostrando que a ele foi uma expressão relevante de poder.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Estado-Maior da Armada. *EMA-305: doutrina militar naval*. Brasília, DF, 2017.
- BRASIL. Ministério da Defesa. *MD51-M-04: Doutrina Militar de Defesa*. 2 ed. Brasília, DF, 2007.
- CARPENTER, Ted Galen. *America's coming war with China: a collision course over Taiwan*. New York: Palgrave Macmillan, 2005, p. 25-74.
- EUA. National Security Council of USA. *Report 68. United States and Programs for National Security*. Washington, DC: Executive Secretary, 1950, 66 p. Relatório.
- EUA. Departamento de Defense. *Advantage at Sea: Prevailing with Integrated All-Domain Naval Power*. Washington, DC: Department of the Navy, 2020, 30 p.
- EUA. Department of State. *Incomming Telegram: PEN-K-M 8963*, Washington, DC: Digital Archive of International History, U.S., 1946. Disponível em: <<https://digitalarchive.wilsoncenter.org/document/116178>> Acesso em: 15 mai. 2022.
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007, 255 p.
- GADDIS, John Lewis, *Strategies of Containment: A Critical Appraisal of American National Security Policy during the Cold War*, 2.ed. New York: Oxford University Press, 2005, 473 p.
- GADDIS, John Lewis, *História da Guerra Fria*. Tradução de Glauber Viera. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, 336p.
- GARRETT, William B. *The U.S. Navy's role in the 1956 Suez Crisis*. Newport: U.S. Naval War College Press, 1970, p. 66-78. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/44639541>> Acesso em: 16 mai. 2022.
- HORNFISCHER, James D. *Who can hold the sea: the U.S. Navy in the Cold War, 1945–1960*. New York: Random House LLC, 2022, 707 p.
- KIRKLAND Robert O. *Observing our hermanos de armas: U.S. Military Attaches in Guatemala, Cuba, and Bolivia, 1950–1964*. New York: Routledge Taylor e Francis Group, 2004, p. 55-100.
- LEHMAN, John. *Oceans Ventured: Winning the Cold War at sea*. New York: W. W. Norton & Company, 2018, 257 p.
- ROSE, Lisle A. *Power at Sea: A Violent Peace 1946-2006*. Columbia: University of Missouri Press, v. 3, Cap. 1, 2, 3, 4, 5 e 6, p. 1-205.

SPELLER, Ian. *Understanding Naval Warfare*. 2. Ed. New York: Routledge Taylor e Francis Group, 2019, p. 1-112.

TRUMAN, Harry S. *Special Message to the Congress on Greece and Turkey: The Truman Doctrine*. Washington: Harry S. Truman Library Museum. Disponível em: <<https://www.trumanlibrary.gov/library/public-papers/56/special-message-congress-greece-and-turkey-truman-doctrine>> Acesso em: 18 jun. 2022.

WELCH, David A; BLIGHT, James G. *The Eleventh Hour of the Cuban Missile Crisis: An Introduction to the ExComm Transcripts, International Security*, Cambridge: The MIT Press, 1988, v. 12, n. 3, p. 5-29.